

( capa )

por Lina de Albuquerque



Maris do Carmo/Folha Imagem

# ela virou o jogo

AOS 90 ANOS, RECÊM-COMPLETADOS, A PAULISTANA DORINA NOWILL ESCREVEU AS PRIMEIRAS PÁGINAS DA HISTÓRIA DA INCLUSÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS NO BRASIL

Mas, quando perdeu a visão, aos 17 anos, o interesse de Dorina pelo barrabol já havia sido trocado pelos bailes, pela moda que gostava de acompanhar vendo as vitrines da rua Barão de Itapetininga e pelos flertes com os rapazes que conhecia no caminho do externato Elvira Brandão, então um dos mais tradicionais de São Paulo.

A última imagem que Dorina viu na vida, em 1936, foi a fotografia de um navio no álbum de viagem de uma amiga de sua mãe, que retornava da Europa. Depois, sentiu o impacto de uma cortina de sangue escorrendo pelos olhos e nunca mais voltou a enxergar. Foi acometida por uma patologia ocular irreversível.

Desde então, aquela moça, de quem se dizia que a beleza só era páreo para igual inteligência, foi escalada para uma outra partida. Aos 90 anos, completados no dia 28 de maio, ela virou o jogo da história dos deficientes visuais brasileiros. É presença ativa no conselho da Fundação Dorina Nowill

para Cegos, a maior entidade filantrópica do país nessa área.

“As pessoas me perguntam se eu senti o meu mundo desabar quando perdi a visão. Não. Eu apenas me senti cega”, diz Dorina, que conheceu o marido, o advogado Edward Hubert Alexander Nowill, hoje com 87 anos, nos Estados Unidos, quando estudava na Universidade Columbia, como bolsista de uma fundação voltada para educação e reabilitação de cegos.

Certo dia, Dorina atendeu o telefone e, do outro lado da linha, ouviu uma voz masculina tão interessante quanto interessada em se aproximar das brasileiras hospedadas na Casa Internacional de Estudantes de Nova York. Conversaram durante muito tempo e ela ficou curiosa para saber como ele era. “Eu sou feio e baixinho”, disse Alex, como era conhecido o jovem alto e bonitão que estava nos Estados Unidos trabalhando com comércio exterior.

“Tudo bem. Eu sou cega mesmo”, respondeu Dorina.

**E**la nunca escolhia, era sempre escolhida. Por causa de um golpe de vista infalível e de uma agilíssima coordenação motora, as jogadoras de barrabol – antigo campeonato que tem parentesco com o popular queimado jogado nas escolas – disputavam para ter Dorina Nowill no time.



Fotos: Arquivo Pessoal



1. Dorina, em 1923, vestida de flor

2. No baile de formatura do colégio Elvira Brandão

3. Em 1947, ao lado da amiga Neide, desembarca nos Estados Unidos

4. A imagem de uma bela e vaidosa mulher adulta

5. Em família, cercada pelos cinco filhos em casa

O rapaz achou que ela estava brincando. Não deixava de ser verdade. Depois, Alex se lembrou de que os amigos tinham comentado sobre uma cega que cantava e tocava violão nas festas do alojamento. Diziam que ela era tão bonita como espirituosa.

Eles se casaram em 1950. Tiveram cinco filhos e 12 netos. “É claro que eu gostaria de ter visto o rosto de cada uma das minhas crianças”, conta Dorina, que nunca perdeu a esperança de algum dia ser contemplada com a invenção da visão artificial.

Também mantém intacta a altivez para não se sentir digna, ou indigna, de pena. Foi a primeira aluna cega a frequentar um curso regular, na Escola Normal Caetano de Campos, bem antes de a palavra “inclusão” ter entrado para o dicionário politicamente correto das deficiências.

Como tinha que passar tudo

o que ouvia nas aulas para uma máquina de escrever em braile, não sobrava tempo para se lamentar. O apego ao aparelho doado pelo embaixador José Carlos de Macedo foi fortalecido pela excelente memória. Se ouvia algo interessante, corria a registrar usando a maquininha, que antes repousava empoeirada na coleção de objetos curiosos que o embaixador ganhava dos amigos.

### Livros e tecnologia

A máquina talvez tenha influenciado um interesse por tecnologia que só aumentou com o tempo. Hoje, quando toma conhecimento de um aparelho tecnológico de ponta, como um “smartphone”, Dorina pede logo para tocá-lo. Diz ter sido sempre movida por novidades.

Por isso, a máquina de escrever em braile um dia deixou de ser suficiente. Ela queria ler e

havia pouquíssimos livros transcritos na linguagem dos cegos no Brasil. O que fez? Primeiro, atraiu para a causa um grupo de oito normalistas da Caetano de Campos, nenhuma delas cega. Juntas criaram o primeiro curso de alfabetização e educação especial para cegos da América Latina dentro de uma escola de formação de professores.

Conquistou o apoio de voluntários da Cruz Vermelha para começar a traduzir as primeiras grandes obras da literatura para o braile. Assim, uma década após ter perdido a visão, nascia a Fundação Padre Chico, mais tarde convertida, em sua homenagem, na Fundação Dorina Nowill para Cegos (leia mais ao lado).

Mas Dorina enxergava além. A sua ideia era ampliar outros serviços de reabilitação para cegos e criar uma imprensa em braile com o objetivo de produ-



## inclusão & leitura

É recorrente dizer que Dorina Nowill é uma mulher de visão. Seu magnetismo pessoal e capacidade de liderança continuam associadas ao sucesso da entidade filantrópica para cegos que leva a sua marca no nome. Há seis décadas, a entidade não para de crescer, segundo o empresário Alfredo Weiszflog, um dos donos da Editora Melhoramentos e atual presidente da Fundação Dorina Nowill.

Nos últimos 63 anos, dificilmente um dos livros editados pela fundação deixou de passar pelas mãos de um cego brasileiro alfabetizado. Dona da maior imprensa em sistema braile da América Latina e com capacidade para impressão de mais de 45 milhões de páginas por ano, a entidade produz livros didáticos, de literatura e biografias.

Além dos títulos nos formatos braile e digital, a organização distribui audiolivros e revistas faladas, que são mais acessíveis para os que perderam a visão em decorrência de diabetes e ficaram com menos sensibilidade na ponta dos dedos. A fundação oferece ainda cursos de alfabetização em braile e mantém uma equipe multidisciplinar de oftalmologistas, assistentes sociais e psicólogos. Trata-se de um programa gratuito de diagnóstico, colocação profissional e orientação a crianças, jovens e adultos cegos ou com baixa visão.

zir e distribuir gratuitamente livros em escala industrial. Ela nunca gostou de ser tratada como uma “portadora de deficiência visual”. Prefere ser uma cega portadora de uma causa.

Foi assim que se apresentou ao então reitor da USP para pedir uma recomendação para a American Foundation for Overseas Blind (Fundação Americana para Cegos de Além-Mar), com as colegas Neide Moura Neith e Regina Pirajá da Silva.

Nas palestras em escolas e entidades, Dorina provoca risos ao contar que, na carta de recomendação escrita pela secretária do reitor, a palavra “blind”, “cego” em inglês, foi trocada por “blinds”, que significa “persiana”.

Escreveu uma segunda carta ao diretor da fundação americana, Robert Irwin, que também era cego, em que corrigiu o equívoco. Obtiveram a bolsa.

### Cegueira rara

Dorina passou muitos anos vivendo sem enxergar. Sua patologia é extremamente rara e ela nunca teve conhecimento, nas centenas de congressos dos quais participou em diversos países, de nenhum caso parecido. A causa que provocou um derrame nas suas retinas continua desconhecida.

Na esperança de voltar a enxergar, submeteu-se a diversas cirurgias, desde a retirada de amígdalas até a correção de sinusite. Por prescrição de um médico, tentou abolir carne da alimentação. Em vão. O pouco que se sabe é que o sangue se fixou nas retinas provavelmente após um rompimento de vasos.

A medicina evoluiu e hoje é possível fazer um transplante da córnea, mas não restabelecer a retina. Apesar da ausência da visão, Dorina é pródiga em

>>



Maria do Carmo/Folha Imagem

narrativas detalhistas, coloridas, extremamente visuais. “Ela é capaz de enxergar dentro das coisas”, afirma o artista plástico Gustavo Rosa, que pintou um retrato de presente para ela, entregue na festa dos 90 anos, no último 28 de maio.

As imagens que a aniversariante guardou em sua prodigiosa memória remetem a uma São Paulo da década de 1930. Tempo em que a modernidade em transporte coletivo atendia pelo nome de “camarão”, em alusão ao bonzinho vermelho que sacolejava pelas sossegadas ruas de São Paulo. E os jovens se encontravam na leiteria Pereira.

A noventona é assumidamente vaidosa. “Adoro tudo o que é fútil, de roupas a perfumes. Se pudesse teria escolhido até a minha fralda”, brinca. Dorina nunca compra uma roupa sem que lhe descrevam os detalhes e não sai de casa sem que certifiquem

que a combinação de cores esteja perfeitamente adequada.

Três vezes por semana, acompanhada da sua personal trainer, dá quatro voltas na praça perto de sua casa, no Alto de Pinheiros. Continua na fundação três vezes por semana.

Não passa mais de um dia sem falar com os filhos: os médicos Alexandre, 57, e Cristiano, 56, a comissária de bordo aposentada Dorininha, 54, a professora Denise, 53, e o empresário do setor farmacêutico Márcio, 51.

### Mulher iluminada

“Não me lembro de quando me dei conta de que a minha mãe era cega. Ela sempre foi independente e agia naturalmente como as outras mães”, conta Dorininha. “Ela é a luz da nossa família. Onde está nunca há trevas. Mesmo vivendo na escuridão, é a pessoa mais iluminada que conheço.”

Uma das 26 personagens do

livro “Recomeços” (ed. Saraiva, 160 págs., R\$ 29), que reúne depoimentos de pessoas que enfrentaram mudanças ou rupturas significativas em suas vidas, Dorina marca posição sobre o uso do diminutivo na abordagem de portadores de deficiência.

Quando era presidente do conselho da União Mundial dos Cegos, viajava com frequência para representar a organização em diversos países. Numa das viagens, a aeromoça insistia para que ela aceitasse um “chazinho”, uma “aguinha”, um “cafezinho”.

Dorina recusou as ofertas no tom infantilizado. Pediu uísque. Mesmo imaginando que a aeromoça estaria com os olhos arregalados, completou: “Duplo”. ■

Na festa de 90 anos, Dorina ganhou um retrato pintado pelo artista Gustavo Rosa

### Serviço

Fundação Dorina Nowill para Cegos

Tel. 0/xx/11/5087-0998

E-mail: atendimento@fundacaodorina.org.br

www.fundacaodorina.org.br